

DO TEXTO AO TRAÇADO CARTOGRÁFICO: AS REPRESENTAÇÕES DAS SORTES APOSTOLORUM NOS MAPAS-MÚNDI DOS BEATOS (SÉCULOS X-XIII)

FROM THE TEXT TO THE CARTOGRAPHIC LAYOUT: THE DEPICTIONS OF THE SORTES APOSTOLORUM IN THE BEATUS MAPS (C. X-XIII)

Thiago Borges<sup>1</sup>  
Universidade de Lisboa

---

**Resumo:** O presente estudo encontra-se estruturado na análise iconográfica, cartográfica e simbólica de uma tipologia específica de mapas-múndi medievais provenientes das cópias do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana. De tradição orosio-isidoriana, as expressões cartográficas legadas pela tradição dos *Beatos* apresentam uma complexa rede de fontes textuais que possibilitaram a construção de um universo simbólico e atemporal em que elementos bíblicos, históricos e imaginários coexistem em um plano perfeitamente homogêneo. Portanto, desde suas mais remotas origens até a progressiva desconstrução de seus sentidos primordiais, nossos olhares estarão particularmente voltados às diferentes formas de representação cartográfica das *Sortes Apostolorum*, buscando ali a mais íntima essência do mundo dos *Beatos*.

**Palavras-chave:** Cartografia medieval. *Comentário ao Apocalipse*. *Sortes Apostolorum*.

**Abstract:** This paper is primarily structured on the iconographic, cartographic and symbolic analysis of a specific typology of medieval world maps that emerge from the copies of the *Commentary on the Apocalypse* of Beato of Liébana. Of the orosio-isidorean tradition, the legacy of the imponent cartographic expressions of the *Beatus* present a complex net of textual sources that converge to give the fundamentals for the construction of a fully symbolic and unworldly universe in which coexist biblical, historical and imaginary elements in perfect homogeneity. Therefore, from its farther origins to the progressive deconstruction of their primordial senses, our eyes are particularly drawn to the different guises of cartographic representations of the *Sortes Apostolorum*, seeking the core essence of the *Beatus* universe.

**Key words:** Medieval cartography. *Commentary on the Apocalypse*. *Sortes Apostolorum*.

---

Artigo recebido em: 15/11/2011  
Artigo aprovado em: 17/02/2012

---

<sup>1</sup> E-mail: tborges\_unb@hotmail.com

## 1. O Beato e os *Beatos*

Para a historiografia, o termo *Beatos* adquire um sentido particularmente interessante por designar uma tipologia específica de manuscritos ricamente iluminados, produzidos na Península Ibérica e em algumas zonas de influência hispânica entre os séculos IX e XIII. Descendentes de um arquétipo primitivo datado de finais do século VIII, as cerca de trinta cópias manuscritas do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana, que se conservam integral ou parcialmente até os nossos dias, são o vivo testemunho de uma das mais importantes e lineares tradições artístico-literárias legadas pelo Ocidente medieval<sup>2</sup>. Detentores de uma inestimável fortuna histórica, seus portentosos códices iluminados<sup>3</sup> transcenderam as mentalidades de seus observadores coevos e, séculos após a sua criação, despertaram a atenção e o interesse de olhares plenamente exógenos as suas próprias realidades.

As origens mais remotas dessa singular tradição encontram-se assentadas em meio aos tortuosos limites que recortam o extremo Norte da Península Ibérica, no cerne do nascente reino das Astúrias. Sacralizada pela resistência e pela fé de seu povo, a região foi berço de importantes centros monásticos que abrigavam em suas muralhas um dos últimos refúgios da cultura hispano-visigótica frente a um espaço que rapidamente se viu recoberto pelo véu do islamismo. Dentre esses, destaca-se o mosteiro beneditino de San Martín de Turieno<sup>4</sup>, local onde teria sido concebida uma das mais importantes obras exegeticas alto-medievais: o *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana. Estruturadas a partir de visões específicas dos textos proféticos de São João, as singulares fórmulas artístico-literárias incor-

---

<sup>2</sup> O presente estudo utilizará como principal suporte textual a recente edição das obras do Beato de Liébana preparada por ECHEGARAY, Juan G.; CAMPO HERNANDEZ, Alberto del & FREEMAN, Leslie J. (Ed.). *Beato de Liébana: obras completas y complementarias*, 2 vols. Madrid: B.A.C., 2004. Nesse sentido, a referência a qualquer excerto do *Comentário ao Apocalipse* será feita a partir da utilização do termo '*Beatos*' seguido da indicação do prefácio, prólogo ou livro e de seus respectivos capítulos e linhas apresentadas pela dita edição.

<sup>3</sup> A esse respeito: WILLIAMS, John. *The illustrated Beatus: A Corpus of Illustrations of the Commentary on the Apocalypse*, 5 vols. London: Harvey Miller Publishers, 1994-2003; DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. . *Códices visigóticos en la monarquía leonesa*. León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 1983; MUNDÓ, Anscari. "Sobre los códices de Beato". In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 109-116; KLEIN, Peter K. . "La tradición pictórica de los Beatos". In: *Actas del Simposio para el Estudio de los Códices del "Comentário al Apocalipsis" de Beato de Liébana*, vol. 2. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1980, pp. 83-106.

<sup>4</sup> Mosteiro que, a partir do século XII, assumiria o nome de seu fundador, o bispo Toríbio de Astorga, sendo então chamado de mosteiro de Santo Toríbio de Liébana.

poradas a esta monumental produção alcançaram ampla repercussão entre os meios letrados e monásticos Peninsulares, sendo exaustivamente copiadas pelo menos até a primeira metade do século XIII.

Entretanto, em nítido contraste com a expressiva importância histórica dessa obra, poucas são as certezas que atualmente circundam os elementos primordiais de sua criação. Efetivamente, muito pouco restou da memória de seu provável autor, um monge conhecido simplesmente pelo nome de Beato, homem de grande erudição, dedicado à vida ascética e de biografia profundamente obscurecida pela imponente escassez documental. Parte considerável daquilo que sabemos a seu respeito é resultado de frágeis deduções ou de meras especulações extraídas de fontes e referências lacunares, em sua maioria obras atribuídas ao próprio Beato. Os primeiros escritos biográficos dedicados a esse monge libaniego foram apresentados por Juan Tamayo de Salazar em seu *Martyrologium Hispanum*, um estudo de meados do século XVII que infelizmente carece de valor historiográfico<sup>5</sup>.

Entre a documentação remanescente, não se encontra qualquer indício plenamente seguro acerca do ano ou mesmo do local de seu nascimento, fator que sempre pôs em cheque a verossimilhança de muitas das acepções apresentadas a esse respeito. Ainda assim, estima-se que o Beato tenha nascido sob a égide régia de Alfonso I das Astúrias (739-757), nas proximidades da década de 730<sup>6</sup> e, ainda que as fontes antigas sejam unânimes em considerar seu enquadramento geográfico na comarca de Liébana<sup>7</sup>, local que possivelmente permaneceu até os últimos dias de sua vida. Definitivamente, desconhecemos suas verdadeiras origens<sup>8</sup>. Pelas poucas fontes antigas remanescentes, temos ainda notícia de que em vida teria

---

<sup>5</sup> SALAZAR, Juan Tamayo de. *Martyrologium Hispanum, Anamnesis sive commemoratio omnium sanctorum hispanorum*. Lyon, (1651-1659), I, 2, pp. 184-186. Reprodução em Migne, *Patrologia Latina*, 46, cols. 890-894.

<sup>6</sup> Cf. CAMPO HERNÁNDEZ, Alberto del. "Ambientación histórica". In: ECHEGARAY, Juan G.; CAMPO HERNANDEZ, Alberto del & FREEMAN, Leslie J. (Ed.), *op. cit.*, p. XIV.

<sup>7</sup> Em resposta às ácidas acusações proferidas pelo Beato de Liébana em seu tratado *Apologeticum adversus Elipandum*, Elipando, metropolitano de Toledo, escreveu: *Nunquam est auditum ut libanenses toletanos docuissent. Apud. Ibidem.*

<sup>8</sup> Claudio Sánchez Albornoz advoga a hipótese de que o Beato tenha nascido nas regiões ao Sul da Península Ibérica e, ainda criança, teria imigrado para o Norte montanhoso em meio às intensas massas populacionais que se deslocavam de seus locais de origem em decorrência da violenta ocupação militar muçulmana em princípios do século VII. Cf. SÁNCHEZ ALBORNOZ, C. . "El Asturorum regnum em los días de Beato de Liébana". In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del 'Comentario al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bib., 1978, pp. 19-31.

sido presbítero<sup>9</sup> e possivelmente abade<sup>10</sup> do dito mosteiro de San Martín de Turieno. Quanto a sua morte, evento que suscita equivalente insegurança, acredita-se que o Beato tenha vivido até finais do século VIII ou mesmo até princípios do século IX. Sem qualquer documento plenamente assertivo a esse respeito, essas convicções são particularmente reforçadas pela existência de uma carta destinada a Alcuíno de York possivelmente escrita pelo Beato de Liébana no ano de 799.

Para além desse passado incerto, fato é que a predileção do monge libaniego pelas enigmáticas descrições do texto apocalíptico pode ser historicamente compreendida segundo seus próprios contextos circundantes. Em tempos de crises e incertezas, em que a Cristandade se via confrontada e subjugada às imposições e perseguições dos inimigos da fé, os cristãos voltavam seus olhares a uma realidade transcendental buscando nas perspectivas escatológicas exaltadas pelo livro do *Apocalipse* um alento espiritual face às dificuldades do tempo presente. Nesse contexto, Gonzalo Menéndez Pidal relembra que “*en todas las grandes crisis de la Historia, el Apocalipsis ha servido de base a una filosofía de la Historia en la que por una parte se identificaba con el Anticristo al enemigo execrado y por otra se tomaba la profecía de San Juan como evangelio del Cristo Triunfante*”<sup>11</sup>.

Concebida e aperfeiçoada ao longo de toda uma década, a obra exegética do Beato de Liébana apresenta três edições textuais produzidas nos anos de 776, 784, 786<sup>12</sup>. Essas cifras, que revelam a ocorrência de sensíveis divergências textuais, foram estimadas a partir da observância das diferentes datas referentes à *Era prae-sens* assinaladas na breve história do mundo descrita pelo livro quarto do *Comentário ao Apocalipse*<sup>13</sup>. Com nítidas evocações milenaristas, a computação das idades da humanidade exaltava a proximidade do fim dos tempos com o encerramento

---

<sup>9</sup> O cronista Álvaro de Córdoba faz recorrente uso do epíteto *libanensis presbyter* para referir-se ao Beato de Liébana. Cf. CAMPO HERNÁNDEZ, Alberto del, *op. cit.*, p. XV.

<sup>10</sup> “*Quod uero quemdam Beatum abbatem, et discipulum eius Hitherium Episcopum, dicitis, huic uestrae sectae primum contrarie*”. Alcuíno, *Adversus Felicem* 1, 8. *Apud*. ROMERO POSE, Eugenio. “Los comentarios al *Apocalipsis* de Beato”. In: *Estudios del Beato de Burgo de Osma*. Valencia: Vicent García Ed., 1992, p. 60.

<sup>11</sup> MENÉNDEZ PIDAL, Gonzalo. “Mozárabes y asturianos en la cultura de la Alta Edad Media (en relación especial con la Historia de los conocimientos geográficos)”. In: *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 134 (1954), p. 151.

<sup>12</sup> Cf. ANDERS, Henry. “*Beati in Apocalypsin libri duodecim*”. In: *Codex Gerundensis*. Madrid: Edilan, 1975, p. XV–XVIII. Texto latino originalmente publicado por Henry Sanders em 1930 pela *Papers and monographs of the American Academy in Rome*.

<sup>13</sup> *Beatos*, IV, 5, 1 *et seq.*

da 'sexta idade', a decorrer, segundo este, no ano 838 da Era hispânica, isto é, ano 800 de nossa Era<sup>14</sup>: "*finibit quoque sexta aetas in era DCCCXXXVIII*"<sup>15</sup>.

Se nos aproximarmos das bases estruturais do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana, observaremos a existência de uma dinâmica primordialmente esmerada na contínua interpolação de textos e imagens. Aguçando sentidos e sensibilidades díspares, a relação de interdependência estabelecida entre esses dois elementos esboça os limites de um discurso lógico, coerente e efetivamente capaz de auxiliar na edificação espiritual de seus irmãos correligionários<sup>16</sup>. Com o claro intuito de fornecer a seu leitor um discurso simplificado e de fácil compreensão<sup>17</sup>, o texto recorre constantemente ao apelo didático-visual das expressões iconográficas que darão forma, cor e movimento a seus respectivos ecos verbais. Ecos bíblicos, patrísticos e bizantinos que se entrelaçam a outras tantas e tão diferentes tradições literárias que reverberam por todos os cantos do *Comentário*.

Constituída por um verdadeiro mosaico de peças disformes, a obra exegética do monge libanego foi inicialmente dividida em doze livros e sessenta e oito secções, denominadas *storiae*. Textualmente, a exegese é alicerçada por breves unidades tripartidas que, seguindo a tradicional sequência do texto apocalíptico de São João, são compostas por uma *storia*, uma *explanatio* e uma *interpretatio*. Oscilando com extrema naturalidade entre exposições morais, notas alegóricas e interpretações históricas, o Beato de Liébana recorre à autoridade dos Santos Padres e doutores da Igreja para consolidar e legitimar as predicções iniciais de sua monumental obra:

*Quae tamen non a me, sed a sanctis patribus quae explanata repperi, in hoc libello indita sunt, et firmata his auctoribus, id est, Iheronimo, Augustino, Ambrosio, Fulgentio, Gregorio, Ticonio, Irenaeo, Apringio et Isidoro: ut quae in aliis legens non intellexisti, in hoc, quamuis plebeio sermone in aliquibus deriuatum. Tamen plena fide atque deuotione expositum, recognoscis*<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> A este respeito, cf. GIL, J. "Los terrores del año 800". In: *Actas del Simpósio para el estudio de los códices del 'Comentário al Apocalipsis' de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 215-247.

<sup>15</sup> *Apud*. KLEIN, Peter K. *op. cit.*, p. 87.

<sup>16</sup> "Ob aedificationem studii fratrum tibi dicaui, ut quo consorte perfruar religiones coheredem faciam et mei laboris". *Beatos*, Prefácio, 1, 22-24.

<sup>17</sup> "Ut quae in aliis legens non intellexisti, in hoc, quamuis plebeio sermone in aliquibus deriuatum, tamen plena fide atque deuotione expositum, recognoscis". *Beatos*, Prefácio, 1, 15-17.

<sup>18</sup> *Beatos*, Prefácio, 1, 12-17.

Por outro lado, enquanto interpretações gráficas do texto escrito, as iluminuras encontram-se dispostas entre o final da *storia* e o início de sua respectiva *explanatio*, estando, na maioria das vezes, diretamente relacionadas às descrições que emanam do próprio texto apocalíptico. Entretanto, ao contrário do que se possa conjecturar em um primeiro momento, as iluminuras não assumem uma função meramente subserviente ao texto escrito. Ainda que diretamente vinculadas a ele, as imagens apresentam uma linguagem própria que, para além do próprio texto, remarcam o sentido e as funcionalidades de suas próprias expressões. Indo além de tais constatações, Wilhelm Neuss acredita que a estrutura do *Comentário* seja inicialmente determinada por suas próprias ilustrações, fazendo destas um elemento particularmente nuclear para toda a tradição dos *Beatos*<sup>19</sup>.

## 2. O mundo dos *Beatos*

Dentre as cópias do *Comentário ao Apocalipse* que se conservaram integral ou parcialmente até os nossos dias, extrai-se um singular *corpus* cartográfico constituído por quatorze mapas-múndi<sup>20</sup>. De tradição orósio-isidoriana<sup>21</sup>, as imponentes

---

<sup>19</sup> NEUSS, Wilhelm. *Die Apokalypse des hl. Johannes in der altspanischen und altchristlichen Bibel-Illustration*. Münster in Westfalen: Aschendorffschen Verlagsbuchhandlung, 1931, p. 237.

<sup>20</sup> A esse elenco documental, acrescentam-se ainda dois outros mapas-múndi que, apesar de abrigarem muitas das formas essenciais do mundo dos *Beatos*, não estão inseridos em nenhuma das cópias remanescentes do *Comentário ao Apocalipse*. O primeiro deles é um mapa-múndi avulso traçado em fólio duplo, atualmente conservado na Biblioteca Ambrosiana de Milão junto a uma cópia das *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, cf. VÁZQUEZ DE PARGA, Luís. “Un mapa desconocido de la serie de los *Beatos*”. In: *Actas del Simposio para el estudio de los códices del ‘Comentario al Apocalipsis’ de Beato de Liébana*, vol. 1. Madrid: Joyas Bibliográficas, 1978, pp. 273-278. O segundo trata-se de uma pintura-mural datada do século XII e traçada em estilo românico no mosteiro ourensê de San Pedro de Rocas, cf. MORALEJO, Serafín. “El mapa de la diáspora en San Pedro de Rocas: Notas para su interpretación y filiación en la tradición cartográfica de los *Beatos*”. In: *Compostellanum*, XXXI, (1986), pp. 315-347.

<sup>21</sup> Apesar da observância de claras reminiscências do universo greco-latino, não restam dúvidas de que o pensamento cosmográfico no Ocidente medieval encontra sua mais remota origem no primeiro dos sete livros da *Historiae adversus Paganos* de Paulo Orósio. Escritas em princípios do século V, as proposições cosmográficas advogadas por este teólogo e historiador hispano-romano foram, em partes, assimiladas e reafirmadas por Santo Isidoro de Sevilha que, em meados do século VII, consolidava os pilares fundamentais da cosmografia medieval cristã nos livros XIII (*De orbis et partibus*) e XIV (*De terra et partibus*) de suas *Etymologiae Sive Originum Libri XX*. A este respeito, cf. PAULUS OROSIUS, *Adversus Paganos Historiarum libri septem*. Marie-Pierre Arnaud Lindet (Ed.). Paris: Les Belles Lettres, 1991; *Isidori Hispalensis Episcopi, Etymologiarum Sive Originum Libri XX*. José Oroz Reta e Manuel Antonio Casquero (Ed.). Madrid: B.A.C., 1993-1994.

expressões cartográficas legadas pela tradição dos *Beatos* apresentam uma complexa rede de fontes e referências textuais que convergem em seus traços, fundamentando a construção de uma visão específica de mundo. Muitas vezes traçados em um espaço restrito pela clausura de seus mosteiros, essas originais fórmulas iconográficas foram capazes de expor aos olhos de todos a universalidade de uma crença que rapidamente se estenderia a todos os cantos da Terra. Com um olhar voltado para uma realidade plenamente espiritual, os mapas-múndi medievais assumiram o duplo papel de descrição legítima e legitimadora de uma peculiar imagem do mundo, pois foram construídos com o amparo em autoridades clássicas e eclesiásticas, e com a função de reafirmar os eixos principais dessa imagem<sup>22</sup>.

Portadores e conseqüentemente disseminadores de antigas fórmulas cartográficas, esses manuscritos foram capazes de expor os vivos particularismos de uma tradição única que abrigava em seus traços contrastantes processos de continuidade e ruptura. Oscilando entre tradições seculares e a própria contemporaneidade de seus traços, os mapas-múndi dos *Beatos* nunca deixaram de assimilar a estética, as impressões e os interesses inerentes a seus contextos circundantes. Incorporando desde manifestações da arte visigótica até as sutilezas da arte nórdica<sup>23</sup>, esses manuscritos ostentam uma imensurável riqueza iconográfica e simbólica que remarcam a singularidade e a opulência de seus testemunhos frente às demais produções coevas. A esse respeito, John Williams acredita que:

*it is more reasonable to think of the map as a kind of chronicle or cartographical bulletin board, which not only attracted information inherited from the exemplar serving as its immediate model but was also open to additions and subtractions inspired by local interest on the part of the map's maker or patron*<sup>24</sup>.

Por outro lado, compreende-se igualmente que o contínuo movimento de assimilação e rejeição tenha sido igualmente responsável pelo estabelecimento, no

---

<sup>22</sup> DEUS, Paulo R. S. de. *A forma do mundo: o programa iconográfico do mapa-múndi de Hereford (Século XIII)*. Tese Doutorado, Instituto de Humanidades da Universidade de Brasília, 2005, p.13.

<sup>23</sup> EGRY, Anne de. *Um estudo de "O Apocalipse do Lorvão" e a sua relação com as ilustrações medievais do Apocalipse*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, p. 24.

<sup>24</sup> WILLIAMS, John. "Isidore, Orosius and the *Beatus* Maps". In: *Imago Mundi: The international journal for the History of cartography*, vol. 49, tomo 1, (1997), p. 18.

seio de uma mesma tradição cartográfica, de identidades e representações extremamente específicas. Por séculos, o mundo dos *Beatos* foi um espaço constantemente nutrido por fontes e referências textuais que fundamentaram, deram forma e, sobretudo, legitimaram os traçados de um mundo simbólico e atemporal, em que elementos bíblicos, históricos e imaginários coexistem em um universo perfeitamente homogêneo, conferindo a essas singulares expressões da arte medieval um imponente sentido meta-histórico.

Não restam dúvidas, portanto, de que as significativas adições e subtrações verificadas em cada um desses mapas remarcam as sutis particularidades de suas representações, reforçando a vivacidade de um discurso próprio que vai além da própria tradição que os fundamenta. Em muitos dos manuscritos remanescentes, o que se evidencia é a clara intenção de edificar um discurso personalista, capaz de criar e propagar seus próprios signos identitários. Nesse mesmo sentido, Serafín Moralejo ressalta que:

*la valoración de los manuscritos 'tardíos' del Comentario como meros vestigios de sus modelos desaparecidos o de las vicisitudes por éstos experimentadas, ha dejado paso, en los últimos años, a su consideración como legítimos productos de su tiempo y lugar, no sólo en su estilo, sino también en lo que a suya imaginería se refiere*<sup>25</sup>.

A observância desses elementos é particularmente interessante para remarcarmos o caráter singular desses mapas que, enquanto iluminuras inseridas em uma lógica pictórica específica, afastam-se sensivelmente das bases literárias expressas pela tradição artístico-literária que fundamenta seus traços, muitas vezes invocando fontes e referências exógenas ao próprio *corpus* textual do *Comentário ao Apocalipse*. Como autênticos testemunhos de seu tempo, compreende-se que, oscilando entre antigas expressões e incorporações coevas, a origem e a multiplicidade das formas representativas legadas pelo *corpus* cartográfico dos *Beatos* somente poderão ser satisfatoriamente elucidadas se considerarmos os extensos pormenores dos processos histórico-culturais responsáveis pelas impressões próprias de cada um de seus testemunhos. Portanto, antes mesmo de considerarmos os aspec-

---

<sup>25</sup> MORALEJO, Serafín. "El mundo y el tiempo en el mapa del *Beato* de Osma". In: *El Beato de Osma: estudios*. Valencia: Vicente García Ed., 1992, p. 153.

tos cronológicos de cada um deles, deveremos estar particularmente atentos às bases formativas que alicerçam e fundamentam suas formas e representações.

Dessa forma, os códices remanescentes do *Comentário ao Apocalipse* passaram a ser sistematizados em três grupos específicos (famílias I, IIa e IIb), cada qual consoante com os modelos e especificidades textuais e iconográficas apresentadas por cada uma das edições. Segundo Peter Klein, foi justamente a progressiva incorporação de novas expressões textuais e, sobretudo, iconográficas que tornou possível a distinção entre edições ou versões mais antigas ou mais recentes<sup>26</sup>.

Assim sendo, nossas análises serão inicialmente realizadas de modo seccionado, buscando no seio de cada uma das famílias a essência dos modelos que fundamentam o aparecimento de representações cartográficas específicas. Nesse sentido, os *Beatos* provenientes dos mosteiros de San Miguel de Escalada<sup>27</sup>, San Salvador de Tábara<sup>28</sup> e, sobretudo, o arquétipo originalmente traçado pelo Beato de Liébana, em finais do século VIII, serão nossos principais pilares de observação. Esses três modelos específicos foram responsáveis pela transmissão das expressões máximas de cada uma das famílias dos *Beatos*, incorporando em cada uma delas os estilos, as representações e as impressões inerentes a suas próprias realidades circundantes. Nesse contexto de múltiplas variáveis, este breve estudo propõe-se a elucidar os diferentes fatores responsáveis pela progressiva modificação das representações e mesmo dos sentidos primordiais de uma das mais importantes fórmulas iconográficas do *Comentário ao Apocalipse*: as *Sortes Apostolorum*. Buscando, do texto ao traçado cartográfico, a mais íntima essência dessas singulares representações.

No decorrer de nossas exposições, veremos igualmente como o contínuo movimento de assimilação e rejeição suscitou o aparecimento de representações extremamente peculiares, representações que não raras vezes negavam suas bases literárias e estabeleciam um nítido descompasso entre textos e imagens. Por conseguinte, estas breves constatações iniciais nos ajudarão a compreender a progressiva desconstrução dos sentidos e funcionalidades primordialmente adquiridos pelos primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*, fenômeno de fundamental importância que, a nosso ver, permanece obscurecido ou mesmo mal interpretado pela historiografia.

---

<sup>26</sup> KLEIN, Peter K., *op. cit.*, p. 90.

<sup>27</sup> New York, Pierpont Morgan Library, M.644.

<sup>28</sup> Madrid, Arquivo Histórico Nacional, cod. 1097B.

### 3. Do texto ao traçado cartográfico

Do texto às imagens, o *corpus* iconográfico de uma cópia do *Comentário ao Apocalipse* é originalmente composto por setenta e seis iluminuras, sendo que dez delas não apresentam um vínculo direto com o texto apocalíptico. Dentre esses casos específicos, está o grande mapa-múndi dos *Beatos*. Alheias às expressões literárias do Apocalipse, essas singulares manifestações da arte medieval constituem uma das mais antigas e expressivas tradições cartográficas legadas pelo Ocidente alto-medieval. Inexistentes em tradições semelhantes e bem distantes das descrições que emanam do enigmático texto que encerra o Novo Testamento, os mapas dos *Beatos* convergiram em seus traços uma complexa rede de fontes e referências que fundamentaram, do texto ao traçado cartográfico, a contrastante essência de uma das mais originais e fantásticas representações legadas pela iluminação apocalíptica hispânica. Restritas a um contexto artístico-literário extremamente específico, estas singulares *imagine mundi* encontram-se fundamentalmente vinculadas à necessidade de representação iconográfica das chamadas *Sortes Apostolorum*.

Recorrentes em alguns pontos da literatura medieval, essas descrições encontraram amplo espaço na obra do Beato de Liébana. Em 783, antes mesmo de finalizar a primeira edição pictórica de seu *Comentário ao Apocalipse*<sup>29</sup>, o Beato de Liébana teria escrito um pequeno hino de louvor ao dia de Santiago Maior: *Hymnus in diem Sancti Iacobi Apostoli fratris Sancti Ioannis*. Composto por sessenta versos distribuídos em doze estrofes<sup>30</sup>, este *O Dei Verbum* descreve a diáspora dos Apóstolos da seguinte forma:

*Petrusque Rome, frater eius Acaie,  
Indie Tomas, Levi Macedonie,  
Iacobus Iebus et Egypto Zelotes,  
Vartolomeus Licaon, Iuda Edisse,  
Mathias Iudee et Filippus Gallie;*

*Magni deinde filii tonitrui  
Adepti fulgent prece matris inclite  
Utrique rite culminis insignia*

<sup>29</sup> Segundo as acepções de Peter Klein, a primeira edição do *Comentário ao Apocalipse* (776) possivelmente não apresentava qualquer espécie de ilustração, sendo que somente no ano de 784 a obra receberia suas primeiras iluminuras. Cf. KLEIN, Peter K., *op. cit.*, p. 95.

<sup>30</sup> A este respeito, cf. DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. . “Estudios sobre la antigua literatura relacionada com Santiago el Mayor”. In: *Compostellanum*, XI, 4, (1966), pp. 457-502.

*Regens Ioannes dextra solus Asia  
Eiusque frater potitus Ispania<sup>31</sup>.*

Entretanto, bem distante da métrica poética que emana deste hino litúrgico, no *Comentário ao Apocalipse*, as descrições textuais das *Sortes Apostolorum* foram incorporadas a um dos quatro prólogos que introduzem a obra. Situado entre o *Apocalipse* I:20 e II:1, o extenso *Prologus Libri II* foi cuidadosamente construído a partir da compilação de uma série de textos e excertos, em sua maioria apropriados da literatura isidoriana, destinados à exposição das características e dos fundamentos próprios da Igreja e da Sinagoga: “*incipit prologus liber secundi De Ecclesia et Synagoga. Quid cuius proprie dicantur, et quis in qua habitator esse dignoscatur, plenissime lector agnoscas*”. As expressões ali incorporadas despertam-nos particular atenção e interesse pela convergência de três breves excertos que edificam as bases literárias que darão forma e coerência aos primeiros traçados cartográficos dos Beatos.

Essas descrições iniciam-se com a apropriação de *De Apostolis*<sup>32</sup>, um longo excerto extraído do “*De Deo, Angelis et Sanctis*”, livro sétimo das *Etymologiae* de Santo Isidoro que é incorporado ao início do capítulo terceiro do dito prólogo:

*Apostoli graece, latine missi interpretantur. Nam sicut graece angeli, latine nuntii vocantur, ita et graece apostoli, latine missi appellantur. Ipsos enim misit Christus evangelizare per universum mundum, ita ut quidam Persas Indosque penetrarent docentes gentes, et facientes in nomine Christi magna et incredibilia miracula, ut adstantibus signis et prodigiis crederetur illis in his quae dicebant et viderant. Habent autem plerique ex his causas suorum vocabulorum [...]*<sup>33</sup>.

A seguir, sem transparecer seus pontos de ruptura, essas descrições são imediatamente complementadas por um breve trecho do tratado *De Ortu et Obitu Patrum qui in Scriptura laudibus efferuntur*, obra de caráter biográfico-exegético comumente atribuída a Isidoro de Sevilha<sup>34</sup>:

---

<sup>31</sup> Cf. “*Himno O Dei Verbum*”. In: ECHEGARAY, Juan G.; CAMPO HERNANDEZ, Alberto del & FREEMAN, Leslie J. (Ed.), *op. cit.*, vol. 1, p. 645 et seq.

<sup>32</sup> *Etymologiae*, VII, IX, 1-24, pp. 670-672.

<sup>33</sup> *Beatos*, Prólogo II, 3, 1-7.

<sup>34</sup> A esse respeito cf. CHAPARRO GÓMEZ, César (Ed. & Trad.), *Isidoro de Sevilha: De Ortu et Obitu Patrum*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

*Hi sunt duodecim Christi discipuli, praedicatores fidei, et doctores gentium. Qui cum omnes unum sint, singuli tamen eorum ad praedicandum in mundo sortes proprias acceperunt. Petrus, Romam. Andreas, Acaiam. Thomas, Indiam. Iacobus, Hispaniam. Ioannes, Asiam. Mathaeus, Macedoniam. Philippus, Gallias. Bartholomaeus, Licaoniam. Simon Zelotes, Aegyptum. Mathias, Iudaeam. Iacobus frater Domini, Ierusalem. Paulo autem cum ceteris apostolis nulla sors propria traditur, quia in omnibus gentibus magister et praedicator eligitur<sup>35</sup>.*

A utilização desse excerto específico desperta particular interesse não somente pela clara descrição da dispersão apostólica, mas, sobretudo, pelo evidente apelo moral que emana de suas descrições. Baseado em fontes apócrifas fundamentalmente vinculadas ao opúsculo *Breviarium Apostolorum*, o *De ortu et obitu Patrum* é um tratado de grande erudição escriturária que se alicerça em breves notas biográficas que, como um pequeno manual de aprendizagem, exalta a vida e os atributos de personagens citados nas Sagradas Escrituras. Desse modo, a pessoa, vétero ou neo-testamentária, transcende a mera descrição literal da Bíblia e torna-se, aos olhos do leitor, uma regra de conduta, um exemplo a ser seguido<sup>36</sup>. Como veremos com maior atenção e profundidade nas páginas seguintes, serão os ‘exemplos’ legados pelo trabalho missionário dos Apóstolos que estarão inicialmente presentes em seus primeiros traçados cartográficos, fundamentando as estruturas primordiais do mundo dos *Beatos*.

Para além dessas questões e retomando as expressões textuais próprias do *Comentário ao Apocalipse*, observamos finalmente que as descrições referentes às *Sortes Apostolorum* são encerradas com uma breve nota alegórica atribuída ao próprio Beato de Liébana:

*Hi sunt duodecim horae diei, quae per Christum solem inluminantur. Hi sunt duodecim portae caelestis Ierusalem, per quas ad vitam beatam ingrendimur. Hi sunt prima apostolica Ecclesia, quam credimus firmissime supra Christum petram fundatam. Hi sunt duodecim throni iudicantis duodecim tribus Israel. Haec est Ecclesia per universum orbem terrarum dilatata. Hoc est semen sanctum et electum, regale sacerdotium per universum mundum seminatum. Rari fuerunt, sed electi. Et de his parvis granis multa seges surrexit. Hanc Ecclesiam credimus et tenemus, et qui supra evangelizaverit quam isti, non christianus, sed anathema in*

---

<sup>35</sup> *Beatos*, Prólogo II, 3, 60-72.

<sup>36</sup> César Chaparro Gómez, *op. cit.* pp. 2-3.

*perpetuum erit, maranata, id est, perditio in adventum Domini. Et quo facilius haec seminis grana per agrum huius mundi, quem prophetae laboraverunt et hi metent, subiectae formulae pictura demonstrat (Sequitur MAPPA MUNDI)*<sup>37</sup>.

Sendo esta uma das raras intervenções diretas do Beato de Liébana sobre o texto de seu *Comentário*, não existem quaisquer dúvidas acerca das funcionalidades primordialmente assumidas pelos primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*. Ainda que, atualmente, nem todas as cópias conservem essas singulares expressões que nasceram da intensa necessidade de representar, para além do texto escrito, a dispersão dos Apóstolos pelo ecúmeno terrestre, análises de ordem codicológica constataram que praticamente todos os códices remanescentes apresentavam originalmente um grande mapa-múndi traçado em fólio duplo<sup>38</sup>, fazendo deste um elemento recorrente em toda a tradição artístico-literária dos *Beatos*.

#### 4. As representações cartográficas das *Sortes Apostolorum*

Ao longo dos séculos, o extenso e contínuo processo de transmissão da tradição artístico-literária dos *Beatos* foi responsável pelo aparecimento de pelo menos três formas diferenciadas de representação cartográfica das *Sortes Apostolorum*. Algumas dessas representações, que divergem consideravelmente dos traçados originalmente concebidos pelo Beato de Liébana em finais do século VIII, descrevem os intensos particularismos espaço-temporais existentes em cada uma das famílias dos *Beatos*. Partindo, portanto, das possíveis estruturas arquetípicas dessas representações, passaremos a pontuar as principais transformações iconográficas e até mesmo conceituais observadas no decorrer do longo processo de transmissão da tradição cartográfica dos *Beatos*.

##### 4.1. Os primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*

Concebidos em 784, ano da primeira edição pictórica do *Comentário ao Apocalipse*, os primeiros traçados do mundo dos *Beatos* constituem um modelo carto-

---

<sup>37</sup> *Beatos*, Prólogo II, 3, 72-84. Grifo nosso.

<sup>38</sup> Segundo Menéndez Pidal, “*hay los que nunca llegaron a tenerlo (el hueco que dejó el copista sigue hoy en blanco, R.A.H.); el de Plobet (Biblioteca del Palacio, 2 B 3) suprimió por cistercienismo todas las figuras, incluso las anunciadas en el texto*”. Cf. MENÉNDEZ PIDAL, Gonzalo, *op. cit.*, p. 194.

gráfico desafortunadamente desconhecido por nós, fator que restringe consideravelmente as possibilidades de reconhecimento e compreensão das formas primordialmente adotadas pelo Beato de Liébana em seu arquétipo cartográfico. Ainda que permeada por dúvidas, questionamentos e imensuráveis contradições, diversos estudiosos lançaram-se à incessante busca de compreensão e reestruturação conceitual das bases que inicialmente sustentaram e deram forma à tradição cartográfica dos *Beatos*.

Nesse sentido, apesar da inexistência de um consenso pleno, acredita-se que o protótipo cartográfico esboçado pelo Beato de Liébana em finais do século VIII tenha sido traçado em formato circular, adotando o recorrente formato tripartido (T/O) próprio de muitos mapas alto-medievais. Essas convicções podem ser reforçadas pela estreita proximidade observada entre as bases textuais do *Comentário ao Apocalipse* e a literatura isidoriana que, no livro XIV de suas *Etymologiae*, descreve: “*Orbis a rotunditate circuli dictus, quia sicut rota est; unde brevis etiam rotella orbiculus appellatur. Undique enim Oceanus circumfluens eius in circulo ambit fines. Divisus est autem trifarie: e quibus una pars Asia, altera Europa, tertia Africa nuncupatur*”<sup>39</sup>.

A partir da observância desses elementos, os mapas-múndi dos *Beatos* de Osma (1086)<sup>40</sup> e Lorvão (1189)<sup>41</sup> são comumente apontados como os testemunhos mais próximos das formas e representações originalmente apresentadas pelo arquétipo cartográfico dos *Beatos*. Separados por pouco mais de um século, esses dois mapas foram concebidos a partir de modelos aparentemente similares, sendo que o contraste entre eles sugere que os traçados de Lorvão foram baseados em um terceiro mapa-múndi diretamente relacionado ao de Osma, mas representado um estágio anterior<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> *Etymologiae*, XIV, II, 1-3, pp. 164-166.

<sup>40</sup> Burgo de Osma, Arquivo de la Catedral, Cod. 1, ff. 34v-35.

<sup>41</sup> Lisboa, DGARQ/ANTT, MS. Lorvão 43, fol. 34 bis v.

<sup>42</sup> John Williams, *Isidore, Orosius and the Beatus Maps*, p. 24.

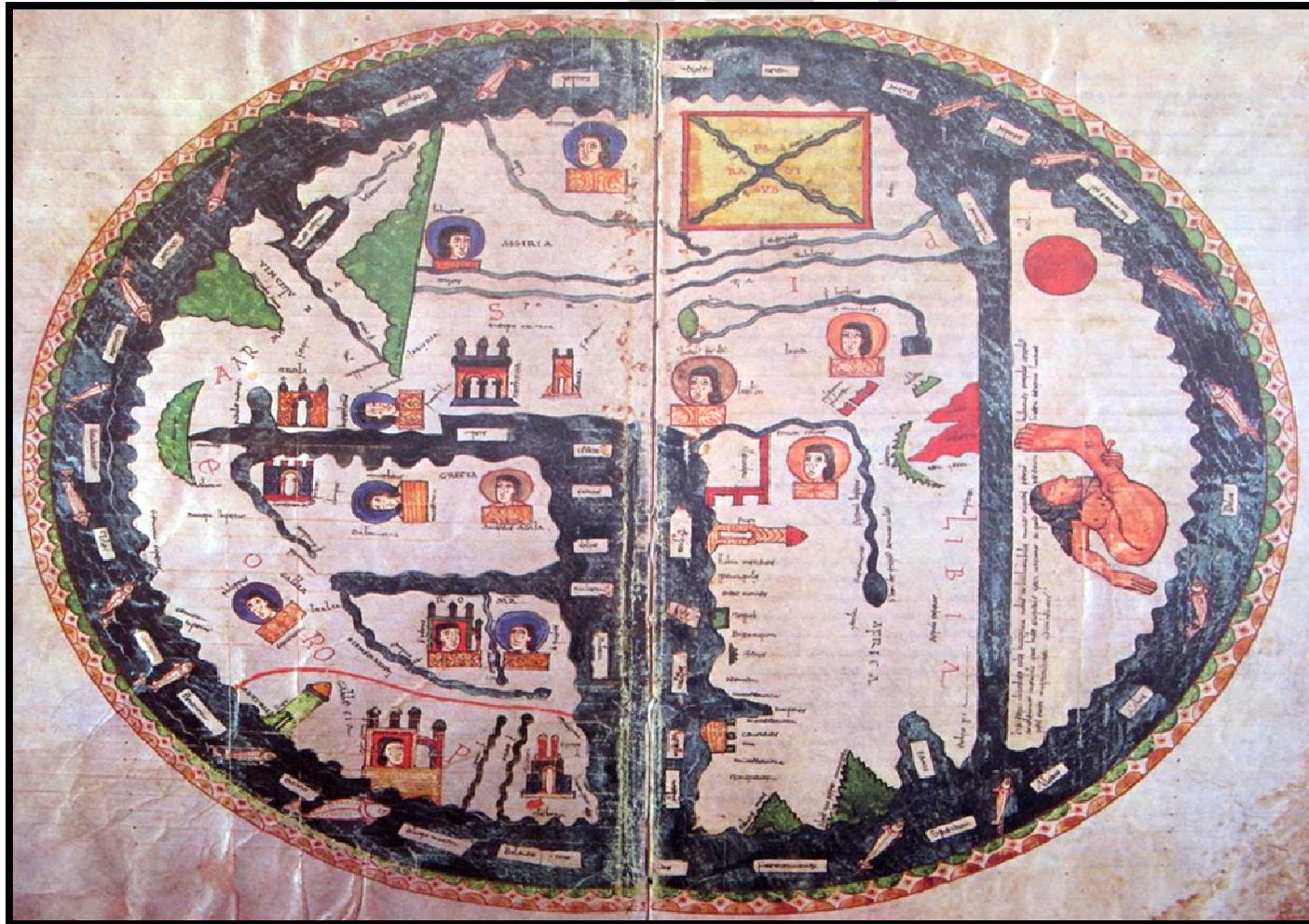


Imagem 1 – Mapa-múndi do Beato de Osma.

Disponível em <<http://picasaweb.google.com/LunaBruna1/MapasDeLaEdadMedia #5269291142980676770>>. Acesso em 14 Nov. 2011.

Portanto, tal como sugerem as descrições textuais previamente contempladas, a representação da diáspora apostólica no mapa-múndi do *Beato* de Osma faz-se por intermédio da inclusão dos bustos de cada um dos doze Apóstolos em seus respectivos locais de pregação evangélica. Ocupando cerca de três quartos do mapa e dispersos ao longo dos três continentes, as imagens nimbadas dos Apóstolos encontram-se assentadas em pequenas bases retangulares ornamentadas por diferentes motivos decorativos. Traçada em estilo românico, a representação dos Apóstolos é feita de forma isocefálica, não apresentando, portanto, grandes nuances iconográficas nos traços e nas formas de seus rostos. Finalmente, ao lado de cada uma dessas pequenas imagens, observa-se a inclusão de duas breves epígrafes que assinalam o nome e a respectiva região do Apóstolo representado.

Tendo em vista tais elementos, Serafín Moralejo acredita que a função original de ilustrar a missão dos Apóstolos, que justificava os mapas do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana, passou a ser progressivamente sobreposta pela intenção de indicar os locais onde se veneravam suas relíquias ou mesmo as marcas de seus passos. Nessa perspectiva, os mapas-múndi dos *Beatos* passavam de expressões da 'geografia da evangelização' para remarcarem a viva espiritualidade de uma 'geografia das peregrinações'<sup>43</sup>. Em outras palavras, acredita-se que seja possível que essas representações cartográficas, tal como apresentadas pelo mapa-múndi de Osma, possam ter sido pensadas e traçadas enquanto verdadeiras imagens de culto, em que se expunha aos olhos do fiel a sacralidade desses *loca sancta*.

Entretanto, é importante que se diga que essa 'geografia das peregrinações', inicialmente referida por Carlos Cid e posteriormente reafirmada por Serafín Moralejo, deve ser preponderantemente interpretada segundo sua dimensão espiritual e não física. Dotadas de um amplo sentido simbólico, essas imagens conferiam a um espaço físico a importância e a transcendência de um universo plenamente sagrado. Não podemos simplesmente fechar os olhos e renegar os sentidos espirituais inerentes a tais representações acreditando que, tal como nossas *imagines mundi*, essas expressões cartográficas destinavam-se única e exclusivamente a remarcar os limites geográficos de um espaço positivo e geométrico. Portanto, é imprescindível destacarmos que, ainda que essas imagens viessem a evocar as exaltações espirituais do longo e árduo caminho que levaria à sepultura dos santos Apóstolos, esses mapas nunca assumiram um sentido propriamente operacional,

---

<sup>43</sup> MORALEJO, Serafín. *op. cit.*, p. 159.

direcionando e amparando a viagem dos peregrinos que se lançavam as intempéries dessa longa jornada.

#### 4.2. Os meios moçárabes e os novos traçados cartográficos dos *Beatos*

Quase dois séculos separam o arquétipo dos *Beatos* da mais antiga cópia remanescente do *Comentário ao Apocalipse*, o *Beato* de Morgan. Datado de meados do século X<sup>44</sup>, o códice atualmente conservado na Pierpont Morgan Library abriga em suas iluminuras a gênese da mais radiante renovação iconográfica vivenciada pela tradição pictórica dos *Beatos*. Copiado no mosteiro leonês de San Miguel de Escalada<sup>45</sup>, em meio aos convulsionados domínios da cultura moçárabe, esse singular manuscrito é possivelmente o primeiro a incorporar as novas formas, cores e representações traçadas por Magius, iluminador moçárabe responsável pela produção de pelo menos duas cópias ilustradas do *Comentário ao Apocalipse* que semeou em sua obra as células fundamentais de um grupo específico e profundamente renovador.

Inseridas em um amplo e delicado período histórico, culturalmente remarcado pela transição da arte asturiana para a moçárabe, essas inovações estilísticas foram amplamente favorecidas pela “*creatividad personal de los mozárabes se vio estimulada por la vitalidad y aperturas tan diversas de la civilización leonesa cuyo propio genio habría de convertirse a su vez en un componente de primer rango*”<sup>46</sup>. Nesse contexto, as significativas modificações empreendidas pelo gênio inventivo de Magius passaram a nortear as expressões máximas da mais extensa família dos *Beatos*. Atualmente, cerca de quinze códices apresentam as reminiscências representativas

---

<sup>44</sup> Segundo subscrição apresentada por Magius no final do manuscrito, “*ut suppleti uidelicet codix huius inducta reducta quoq(ue) duo gemina ter terna centiese (et) ter dena bina era*”, isto é, “*este livro, do princípio ao fim, foi finalizado na era de dois vezes dois (e) três vezes trezentos e três vezes o dobro de dez*”, ou seja, no ano 964 da Era hispânica ou 926 de nossa Era. Cf. GÓMEZ MORENO, Manuel. *Iglesias mozárabes: arte español de los siglos IX à XI*. Madrid: Centro de estudios históricos, vol. 1, 1919, p. 131. Por outro lado, Manuel C. Díaz y Díaz acredita que a equação apresentada pela referida subscrição tenha sido constantemente mal interpretada pela historiografia. Segundo este, a expressão *centiese et diz*, na realidade, *decies et* fazendo com que a datação do códice seja estimada no ano de 962. Cf. DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C., *Códices visigóticos*, pp. 336-338.

<sup>45</sup> De acordo com a referida subscrição apresentada por Magius, o códice foi copiado em um mosteiro dedicado a São Miguel Arcanjo – *cenobii summi dei Nuntii Michaelis Arcangelo*.

<sup>46</sup> FONTAINE, Jacques. *El Mozárabe*. Madrid: Encuentro, 1984, p. 86.

desses novos modelos pictóricos, dez dos quais ainda conservam seus respectivos mapas-múndi.

Das mãos de Magius nascem dois protótipos cartográficos sensivelmente diferenciados que incorporam novas e peculiares formas de representação ao mundo dos *Beatos*. Seguindo os amplos movimentos de renovação artística vivenciados pelo século X, os mapas-múndi originalmente apresentados pelos códices de Escalada e Tábara divergem consideravelmente dos modelos cartográficos originalmente adotados pelo Beato de Liébana em finais do século VIII. Traçados em formato retangular, os protótipos de Magius assinalam um significativo rompimento frente às concepções isidorianas. Rompimento que, entretanto, não fora realizado de forma abrupta e absoluta, isto porque, apesar de se aproximarem dos postulados cosmográficos de Paulo Orósio<sup>47</sup>, os mapas de Magius nunca renegaram ou deixaram de incorporar representações e topônimos diretamente vinculados à literatura isidoriana.

No âmbito da cartografia medieval, a adoção desses novos traçados desperta particular atenção, sobretudo pela imponente escassez de manuscritos que expressem formas e representações semelhantes. Diferentemente dos tradicionais modelos circulares delineados por Isidoro de Sevilha, a forma retangular originária do *triquadrum* orosiano só encontra um único testemunho remanescente no códice sangallense nº 621 de Paulo Orósio<sup>48</sup>, fator que restringe e instiga ainda mais as tentativas de compreensão deste peculiar fenômeno. Não sabemos ao certo as razões ou mesmo as fontes que poderiam ter influenciado a concepção e a adoção desses novos modelos. Entretanto, fato incontestável é que, afastando-se das bases formativas dos *Beatos*, os protótipos cartográficos de Magius acabaram por suprimir muitas das representações que inicialmente fundamentavam e legitimavam as predicções iniciais dos traçados cartográficos dos *Beatos*.

Em linhas gerais, esse grupo iconograficamente renovado pode ser particularmente reconhecido pela incorporação de quatro novas formas representativas: 1) adoção e transmissão do *triquadrum* orosiano; 2) o Paraíso, anteriormente representado pela *fons paradisi* e por seus quatro rios, passa a incluir as imagens de Adão e Eva no Jardim do Éden ao lado da Árvore e da Serpente; 3) a simplificação das epígrafes do quarto continente que, afastando-se das descrições expressas

---

<sup>47</sup> "Maires nostris orbem totis terrae, oceani limbo circumleptum, triquadrum aatuere: eiusque tres partes, Asiam, Europam, et Africam". Paulus Orosius, *op. cit.*, I, II.

<sup>48</sup> MENÉNDEZ PIDAL, Gonzalo, *op. cit.*, p. 228.

nas *Etymologiae* (XIV, V, 17) apresentam uma breve legenda que assinalam a existência de uma “*Deserta terra vicina soli ad ardore incognita nobis*”; 4) e por fim, a substituição das representações iconográficas dos Apóstolos por simples topônimos que assinalam, sem qualquer destaque, as terras evangelizadas. A partir de tais modificações, o mundo dos *Beatos* passava a ser traçado da seguinte forma:

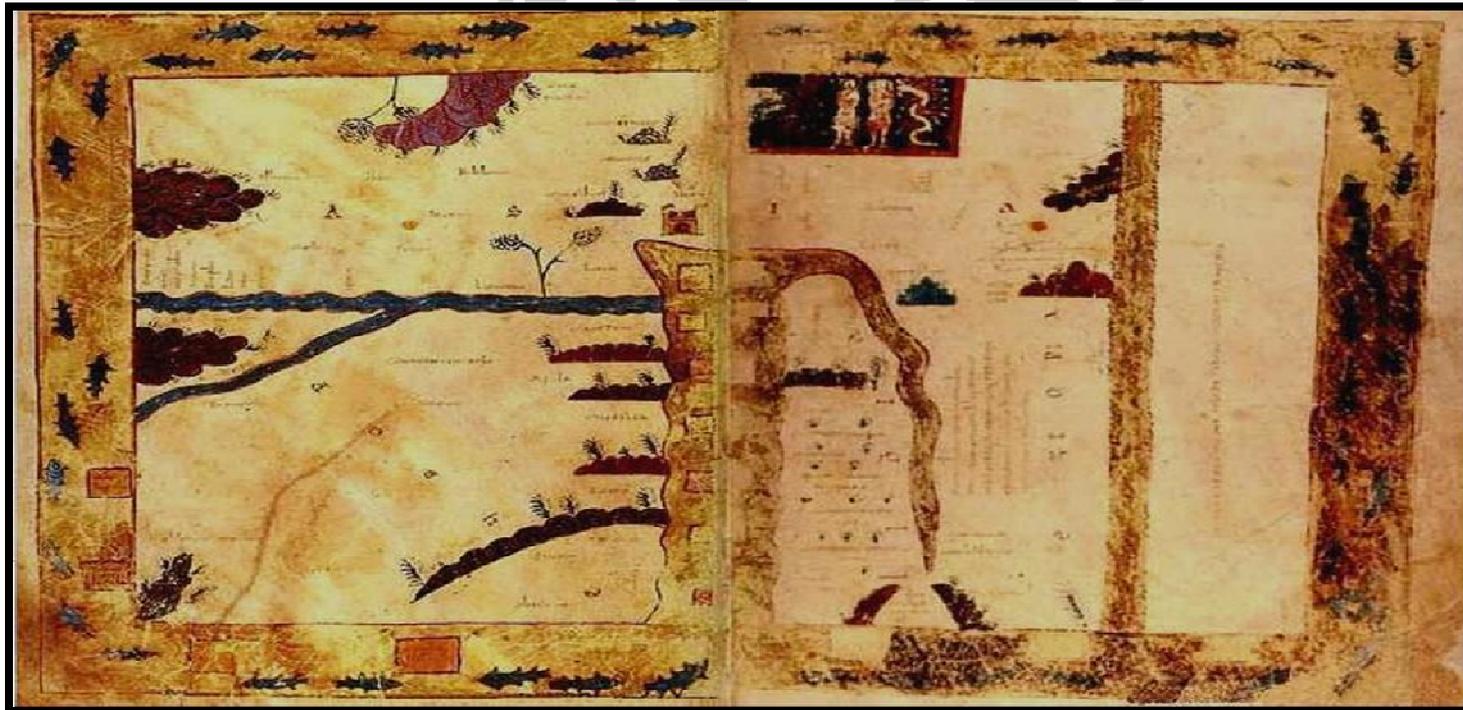


Imagem 2 – Mapa-múndi do *Beato* de Escalada, protótipo cartográfico da família IIa.

Adaptado de: <<https://picasaweb.google.com/109290925212397333972/MapasDeLaEdadMedia>> Acesso em 14 Nov. 2011.

Não sabemos ao certo quais as fontes textuais ou mesmo iconográficas teriam efetivamente influenciado Magius na concepção desses novos modelos cartográficos. Entretanto, fato é que contrastando significativamente com a rica iconografia apresentada por alguns dos testemunhos da família I, este protótipo adota opcionalmente um padrão mais sóbrio e homogêneo, sem grandes fórmulas ou mesmo nuances pictóricas. Segundo Peter Klein:

*parece evidente que la transformación de esta tradición pictórica hacia las formas más ópticas y plásticas de la segunda redacción pictórica [século X] presupone no solamente una influencia islámica – como he demostrado – sino sobre todo una repercusión directa del estilo figurativo transpirenaico de origen carolingio<sup>49</sup>.*

A observância de tais elementos leva-nos a conjecturar a hipótese de que este primeiro protótipo cartográfico de Magius tenha sido concebido e traçado com o claro intuito de simplificar ou mesmo eliminar muitas das formas e representações iconográficas originalmente expressas pelo arquétipo cartográfico dos *Beatos*. Sob o ponto de vista estilístico, esse fenômeno indica um claro amadurecimento da iluminura hispânica a partir da década de 940 caracterizada pela utilização de figuras menos abstratas e decorativas que das décadas precedentes<sup>50</sup>.

No plano cartográfico, o que se observa, portanto, é uma possível predileção de Magius por um traçado sem grandes expressões iconográficas que se encontra primordialmente atrelado à ampla utilização de epígrafes e legendas que viessem a remarcar as diferentes partes e propriedades do *orbis terrarum*. Por outro lado, não restam dúvidas de que a supressão de muitas das formas adotadas pelo arquétipo dos *Beatos* levou conseqüentemente a uma significativa redução dos elementos simbólicos originalmente assinalados pelo mundo dos *Beatos*, fazendo com que o programa iconográfico dos mapas da família de Escalada (IIa) estivesse aparentemente voltado às expressões de ordem física, assinalando preponderantemente a localização de cidades, rios, oceanos, ilhas, montes etc. A esse respeito, Menéndez Pidal destaca que “*resulta curioso señalar la facilidad con que los copistas olvidaron incluir algunas de ellas [as Terras Apostólicas], así que sólo la familia más directamente emparentada con Maio [Magius] nombra las diez tierras*”<sup>51</sup>. Entretanto,

<sup>49</sup> K. KLEIN, Peter K., *op. cit.* p. 98.

<sup>50</sup> SILVA Y VERÁSTEGUI, Soledad de. “El más antiguo fragmento ilustrado de Beato y los *Beatos* del siglo X”. Em: <http://www.artehistoria.jcyl.es/artesp/contextos/7078.htm>. Acesso: 12/09/2010.

<sup>51</sup> Gonzalo Menéndez Pidal, *op. cit.*, p. 229.

muito além de simples ausências toponímicas, essas constatações indicam o estabelecimento de um claro descompasso entre texto e imagem fazendo com que, neste caso específico, os traçados cartográficos percam muitas de formas e funcionalidades originais.

	Acaya	Asia	Egyptus	Gallias	Gallecia	IHRLM	Iudaea	India	Licaonia	Macedonia	Roma
<b>Morgan</b>	M	M	M	M	M	M	-	M	M	M	M
<b>Valladolid</b>	V	V	-	V	V	V	V	V	V	V	V
<b>Urgell</b>	U	U	U	U	U	U	U	U	U	U	U
<b>Facundus</b>	J	J	-	J	J	J	-	J	J	J	J
<b>Silos</b>	D	-	-	D	D	D	D	D	D	D	D

Tabela 1 – A representação toponímica das *Sortes Apostolorum* nos mapas-múndi da família de Escalada (IIa).

Na tentativa de compreensão desse fenômeno, acreditamos inicialmente que a referida predileção de Magius por um plano cartográfico mais homogêneo e sem grandes expressões iconográficas possa estar diretamente associada aos alicerces fundamentais da cartografia islâmica, tradição diretamente vinculada aos preceitos geográficos tardo-romanos elucidados por Paulo Orósio em

princípio do século V. Ainda que consideravelmente diferenciadas, essas tradições ostentam uma essência aparentemente muito similar, menos esquemática e fundamentalmente voltada à descrição textual ou topográfica dos espaços representados.

Adotando sistemas e funcionalidades significativamente divergentes dos modelos concebidos pelo Ocidente alto-medieval, as representações cartográficas legadas pelo mundo islâmico renegam quase que completamente as configurações simbólicas do espaço. Com o olhar centrado nos fenômenos e dimensões próprias do mundo sensitivo, os conhecimentos geográficos do mundo islâmico assumiram um caráter essencialmente descritivo. Muitas vezes incorporados a extensas crônicas, esses grandes programas corográficos ou topográficos assinalavam as particularidades da geografia física e humana de países, regiões, cidades e, muitas vezes, dos principais itinerários de comércio e peregrinação. Transpostas para uma ordem esquemática, essas diversas fontes textuais foram responsáveis pela edificação de um estilo cartográfico extremamente específico que notavelmente abdicava de grandes expressões iconográficas em detrimento da ampla utilização de epígrafes e legendas que viessem a assinalar de forma simples e objetiva as diferentes regiões e características do ecúmeno terrestre.

De volta ao mundo dos *Beatos*, Elisa Ruiz García relembra que a ‘contaminação cultural’ é um fenômeno amplamente testemunhado no processo de transmissão histórica do *Comentário ao Apocalipse*, tanto em seus elementos textuais quanto em seu aparato iconográfico<sup>52</sup>, aparato que evidentemente engloba seus respectivos traçados cartográficos. Nesse sentido, acreditamos que os claros paralelismos estabelecidos entre essas duas tradições cartográficas possam nos ajudar a elucidar as causas que teriam efetivamente motivado a progressiva desconstrução das formas e dos traçados originalmente apresentados pelo arquétipo cartográfico dos *Beatos*, fazendo com que as imagens dos Apóstolos fossem diretamente substituídas pela simples referência toponímica das Terras Apostólicas.

#### 4.3. As novas formas de representação iconográfica das *Sortes Apostolorum*

Copiado e iluminado em Zamora, no mosteiro de San Salvador de Tábara, a segunda cópia do *Comentário ao Apocalipse*, empreendida por Magius, foi finalizada

---

<sup>52</sup> RUIZ GARCÍA, Elisa. “Génesis y historial del códice”. In: *Beato de Liébana: códice de Navarra* (Ed. facs.). Madrid: Millenium Liber, 2007, p. 70.

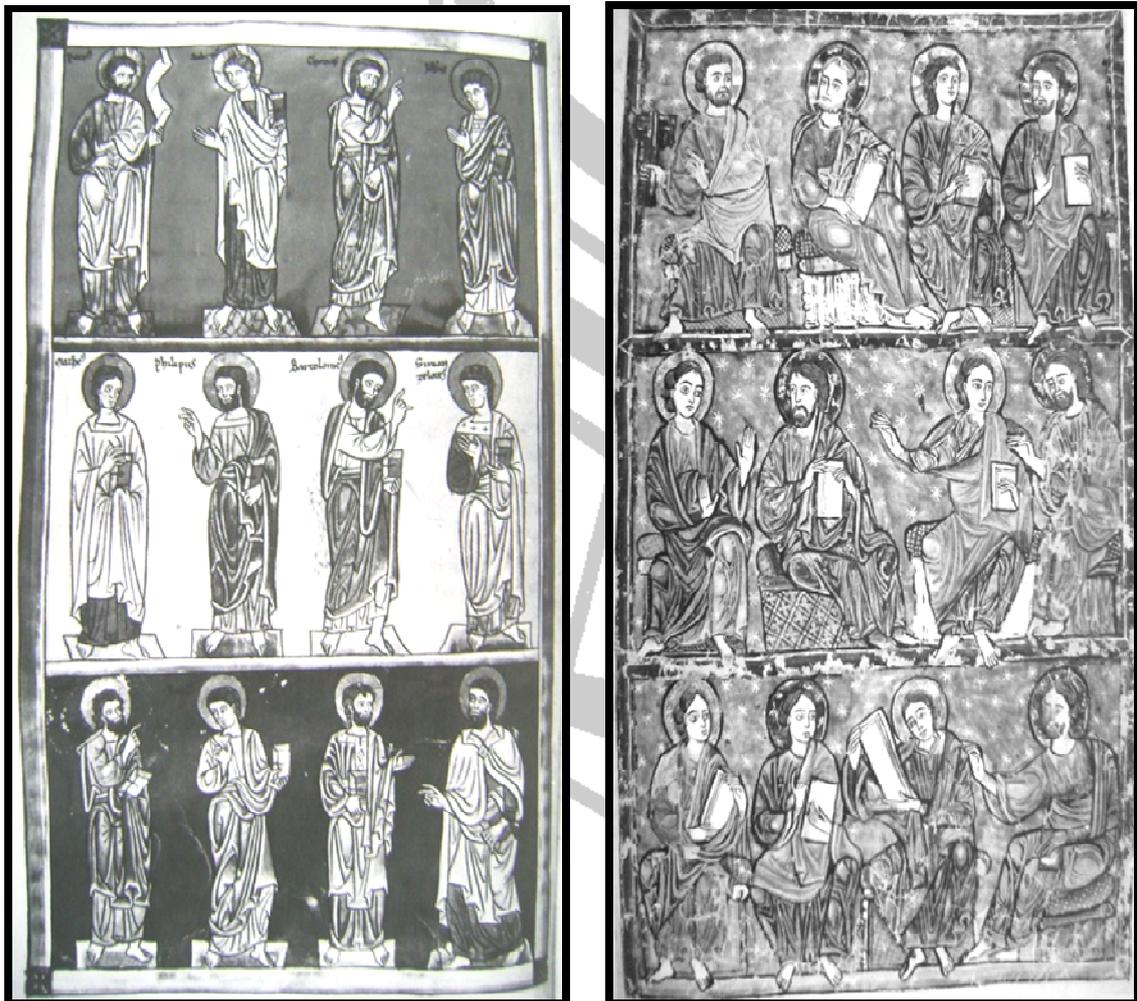
por seus discípulos no dia 27 de julho de 970, quase dois anos após a sua morte. Seguindo esse intenso processo de renovação artística iniciado em San Miguel de Escalada, o *Beato* de Tábara nos desperta particular atenção pela adoção de novas e peculiares formas de representação iconográfica das *Sortes Apostolorum*. Suprimidas pelo protótipo de Escalada, as imagens dos doze Apóstolos voltam a ganhar forma e espaço junto aos novos parâmetros pictóricos estabelecidos pelo códice de Tábara. Entretanto, diferentemente das formas iconográficas anteriormente apresentadas pela tradição dos *Beatos*, o programa iconográfico das *Sortes Apostolorum* apresentado pelos cinco descendentes diretos do *Beato* de Tábara passa a ser construído de forma segmentada, ocupando não uma, mas duas iluminuras distintas. Nesse sentido, e tal como demonstra o quadro abaixo, observa-se que a lógica estrutural dessas novas fórmulas iconográficas é criar uma representação em dois tempos, onde inicialmente se apresenta a imagem dos doze Apóstolos e, em seguida, um grande mapa-múndi destinado à visualização de suas respectivas Terras Apostólicas.

	Apóstolos	Mapa-múndi
Girona	ff. 52v-53r	ff. 54v-55r
Turim	ff. 44v-45r	ff. 45v-46r
Rylands	fol. 44v	ff. 43v-44r
Las Huelgas	fol. 31r	ff. 31v-32r
Arroyo	fol. 13r	ff. 13v-14r

Tabela 2 – Família de Tábara (IIb):  
relação entre a representação dos Apóstolos e seus respectivos mapas-múndi.

No seio dessas novas formas representativas, podemos evidenciar a ocorrência de dois modelos iconográficos sensivelmente diferenciados. O primeiro deles, e possivelmente o mais próximo das representações originalmente adotadas pelo protótipo de Tábara, foi concebido para ocupar um único fólio, onde os Após-

tolos estão dispostos em três níveis sobrepostos, cada qual abrigando a imagem de quatro deles. Dessa forma, os Apóstolos são comumente representados de corpo inteiro, descalços, trajando longas túnicas coloridas, segurando o evangelho em suas mãos. Atualmente, essas singulares fórmulas iconográficas conservam-se unicamente nos *Beatos* de Rylands<sup>53</sup>, Las Huelgas<sup>54</sup> e San Andrés de Arroyo<sup>55</sup>, códices produzidos entre os séculos XII e XIII que, apesar de compartilharem uma mesma base formativa, abrigam em seus fólios evidentes contrastes iconográficos que, uma vez mais, remarcam os tantos particularismos próprios de cada uma das cópias do *Comentário ao Apocalipse*.



Imagens 3 e 4 – Representação dos doze Apóstolos nos *Beatos* de Rylandss e Las Huelgas. Extraídas e adaptadas de John Williams, *The illustrated Beatus*, V, 2003.

<sup>53</sup> Manchester, John Rylands University Library, MS. lat. 8.

<sup>54</sup> New York, Pierpont Morgan Library, M. 429.

<sup>55</sup> Paris, Bibliothèque Nationale, nouv. acq. lat. 2290.

Nesse contexto específico, raramente se observa a inclusão de alguma espécie de atributo que venha a designar cada um dos Apóstolos. Exceções a essa estrutura somente serão observadas nas representações do Apóstolo Pedro que nos três códices citados é representado com duas grandes chaves douradas em suas mãos, sendo que, em San Andrés de Arroyo, São Paulo é ainda representado com uma espada em posição de descanso sobre seu ombro direito. Relativamente à utilização de legendas, observamos que somente o *Beato* de Rylands, cópia produzida na região de Burgos por volta do ano 1175, apresenta a inclusão de breves epígrafes que identificam cada um dos Apóstolos pelo próprio nome. Entretanto, curiosamente, Mathias é o único dos doze Apóstolos que não recebe nenhuma espécie de legenda alusiva a seu nome.

Um segundo modelo, que diverge significativamente das representações previamente apresentadas pode ser contemplado nos *Beatos* de Girona<sup>56</sup> e em sua cópia de princípios do século XII atualmente conservada em Turim<sup>57</sup>. Concebido para ocupar um grande frontal em fólio duplo, Apóstolos são dispostos em uma fila contínua que converge para o centro deste bi-fólio. Representados sempre em pé e descalços, os Apóstolos voltam-se uns aos outros como se dialogassem entre si. Acima de suas cabeças nimbadadas, apresentam-se duas breves epígrafes que assinalam o nome e a respectiva terra de cada um dos doze Apóstolos.

Nesse sentido, seguindo estritamente a ordem descrita pelo *Prologus libri II*, observam-se as imagens dos Apóstolos *Petrus (Roma)*, *Andreas (Acaia)*, *Tomas (India)*, *Iacobus (Spania)*, *Ioannes (Asia)*, *Matheus (Macedonia)*, *Filipus (Gallias)*, *Bartolomeus (Licaonia)*, *Simon Zelotes (Egyptum)*, *Iacobus frt. Dmi. (IHRLM)*, *(Mathias)*, *Paulus (cum ceteris apostolis)*. E, assim como observado no caso específico do *Beato* de Rylands, os *Beatos* de Girona e Turim também deixam de apresentar quaisquer referências textuais alusivas ao Apóstolo Mathias, que, segundo a tradição das *Sortes Apostolorum*, teria predicado na região da Judeia. Por fim, verifica-se ainda a inclusão de uma breve inscrição que se estende por ambos os fólios: "OMNES APOSTOLI SIMUL UNUM PATRIA SORTITI SUNT".

---

<sup>56</sup> Girona, Museu de la Catedral, Num. Inv. 7(11).

<sup>57</sup> Turim, Biblioteca Nazionale Universitaria, Sgn. I.II.1.



Imagem 5 - Representação dos doze Apóstolos no *Beato de Girona*.

Disponível em: <[http://www.rutavadiniense.org/images/beato/04\\_miniaturas/apostoles.jpg](http://www.rutavadiniense.org/images/beato/04_miniaturas/apostoles.jpg)>.

Acesso em: 14 Nov. 2011.

No seio dessas novas formas de representação, vemos que independentemente dos modelos e das divergências iconográficas apresentadas por cada uma das cópias remanescentes da família de Tábara, essas iluminuras serão sempre complementadas por um grande mapa-múndi traçado em fólio duplo, destinado fundamentalmente à visualização das Terras Apostólicas. Nas palavras de Ángela Franco, “*la inclusión del mapamundi, ilustración a la que se ha dedicado siempre doble folio, se explica como aclaración de las tierras de que los apóstoles fueron a evangelizar*”<sup>58</sup>.

---

<sup>58</sup> ÁNGELA FRANCO, Maria. “In Spagnia: la diaspora de los apóstoles y relaciones de los Beatos con el Islam”. In: *La citta' e il libro I*, Eventi internazionali alla certosa di Firenze. Firenze, 2001. Artigo disponível em <<http://www.florin.ms/aleph5.html>>. Acesso em 21 maio de 2010.



Imagem 6 – Mapa-múndi do Beato de Girona.

Disponível em <<http://csociales.files.wordpress.com/2008/09/beato-de-girona4.jpg>>. Acesso em: 14 Nov. 2011.

Entretanto, analisando cuidadosamente os testemunhos legados pela família de Tábara (IIb), compreendemos que a concepção de uma ‘imagem em dois tempos’ seria perfeitamente plausível se os respectivos mapas-múndi apresentassem em seus traços a totalidade das Terras Apostólicas, elemento que, por algum motivo, não é evidenciado em nenhum dos testemunhos cartográficos descendentes do protótipo de Tábara.

	Acaya	Asia	Egyptus	Gallias	Gallecia	IHRLM	Iudaea	India	Licaonia	Macedonia	Roma
<b>Girona</b>	-	<b>G</b>	-	<b>G</b>	<b>G</b>	<b>G</b>	<b>G</b>	-	-	<b>G</b>	<b>G</b>
<b>Turim</b>	-	<b>Tu</b>	-	<b>Tu</b>	<b>Tu</b>	<b>Tu</b>	<b>Tu</b>	-	-	<b>Tu</b>	<b>Tu</b>
<b>Rylands</b>	-	<b>R</b>	-	<b>R</b>	<b>R</b>	<b>R</b>	<b>R</b>	-	-	<b>R</b>	<b>R</b>
<b>Las Huelgas</b>	-	<b>H</b>	-	<b>H</b>	<b>H</b>	<b>H</b>	<b>H</b>	-	-	<b>H</b>	<b>H</b>
<b>Arroyo</b>	-	-	-	<b>Ar</b>	<b>Ar</b>	<b>Ar</b>	<b>Ar</b>	<b>Ar</b>	-	<b>Ar</b>	<b>Ar</b>

Tabela 3 – Representação toponímica das *Sortes Apostolorum* nos mapas-múndi da família de Tábara.

Portanto, tal como demonstra a tabela acima, os descendentes diretos do protótipo de Tábara omitem qualquer referência de pelo menos quatro das onze Terras Apostólicas assinaladas pela tradição textual das *Sortes Apostolorum*, sendo que em todos esses

testemunhos as legendas relativas à Ásia aparecem exclusivamente como a designação de um dos três continentes e não como uma das terras evangelizadas pelos Apóstolos de Cristo.

## 5. Considerações finais

Após percorrermos pacientemente o longo e tortuoso caminho que nos guiou do texto ao traçado cartográfico, pudemos finalmente nos aproximar da mais íntima essência de uma das mais instigantes e fascinantes formas iconográficas legadas pela iluminação hispânica medieval. Contemplando suas formas, fomos capazes de adentrar nos domínios atemporais de um mundo plenamente simbólico que nascera da intensa necessidade de expressar, para além do texto escrito, a universalidade de uma crença que, pelo trabalho missionário de alguns eleitos, se estendeu por todos os cantos da Terra.

No decorrer de nossas exposições, pudemos constatar como o contínuo movimento de disseminação e cópia do *Comentário ao Apocalipse* acabou por suprimir muitas das formas e representações originalmente traçadas em finais do século VIII pelo Beato de Liébana. Como autênticos testemunhos de seu tempo, essas imagens oscilaram constantemente entre antigas tradições e a própria contemporaneidade de seus traços, construindo visões e identidades próprias. Foram tantas e tão expressivas as particularidades legadas pelas três famílias contempladas que nos ajudaram a compreender os principais processos responsáveis pela perene transmutação das formas e representações originalmente adotadas pelo mundo dos *Beatos*. Sobrepondo-se a meros aspectos de ordem cronológica, as divergências pictóricas que contrastam os modelos próprios de cada uma dessas famílias foram responsáveis pelo estabelecimento de profundas modificações representativas que, em alguns casos, acabaram por estabelecer um nítido descompasso entre os textos e suas respectivas imagens.

Em face de tais constatações, restou-nos unicamente a tentativa de compreensão das prováveis causas que motivaram a progressiva desconstrução dos sentidos primários dos mapas-múndi dos *Beatos*. Afinal, por que razão as representações iconográficas das *Sortes Apostolorum* são progressivamente suprimidas do mundo dos *Beatos*? A que se devem tais ausências? Quais as reais funcionalidades

assimiladas pelos mapas que se afastam completamente de suas próprias bases textuais? Essas indagações, que desde o início direcionaram nossos olhares e análises, assinalam a ocorrência de alguns aspectos de suma importância que, a nosso ver, ainda não estão bem esclarecidos.

Sob o ponto de vista cartográfico, concluímos que as novas formas do mundo dos *Beatos* concebidas e traçadas por Magius no mapa-múndi do *Beato* de Escalada possam estar vinculadas a alguns dos elementos estruturais da cartografia árabe. Visto por esse prisma, acreditamos que a progressiva desconstrução dos sentidos primários do mundo dos *Beatos*, sobretudo a partir da substituição da representação cartográfica dos Apóstolos pela simples referência toponímica das terras evangelizadas, possa ser interpretada como mais uma das tantas incidências da cultura islâmica sobre o solo cristão.

Constatamos, portanto, que esse constante e contrastante movimento de permanência e transformação fez com que textos e imagens adquirissem temporalidades consideravelmente divergentes, fazendo com que muitas vezes suas expressões iconográficas não mais atendessem as necessidades que emanavam do texto escrito. No âmbito cartográfico, observa-se que a adoção desses novos modelos assinalou um possível rompimento desses mapas frente aos sentidos e às funcionalidades primordialmente assumidas pelos primeiros traçados cartográficos dos *Beatos*. Portanto, sem qualquer representação iconográfica dos Apóstolos e não apresentando a totalidade das Terras Apostólicas, podemos concluir que esses mapas-múndi perdem a essência da tradição que inicialmente os fundamentava.

Ao final de nossas exposições, resta-nos unicamente a plena convicção de que ainda há muito para ser investigado e elucidado acerca dos sentidos simbólicos que irradiam dessas singulares *imagines mundi*. Os apontamentos e as constatações assinaladas por esta breve incursão ao mundo dos *Beatos* incidiram em apenas alguns dos tantos elementos que circundam o imensurável universo artístico-literário legado pelas cópias remanescentes do *Comentário ao Apocalipse*, fazendo desse universo específico um suntuoso espaço para a apreciação e contemplação da mais sublime essência do imaginário e da espiritualidade medieval.